



FILMES
QUE AMO

— Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 28 DE FEVEREIRO, DE 2022 - 21H00

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO - (entrada livre)

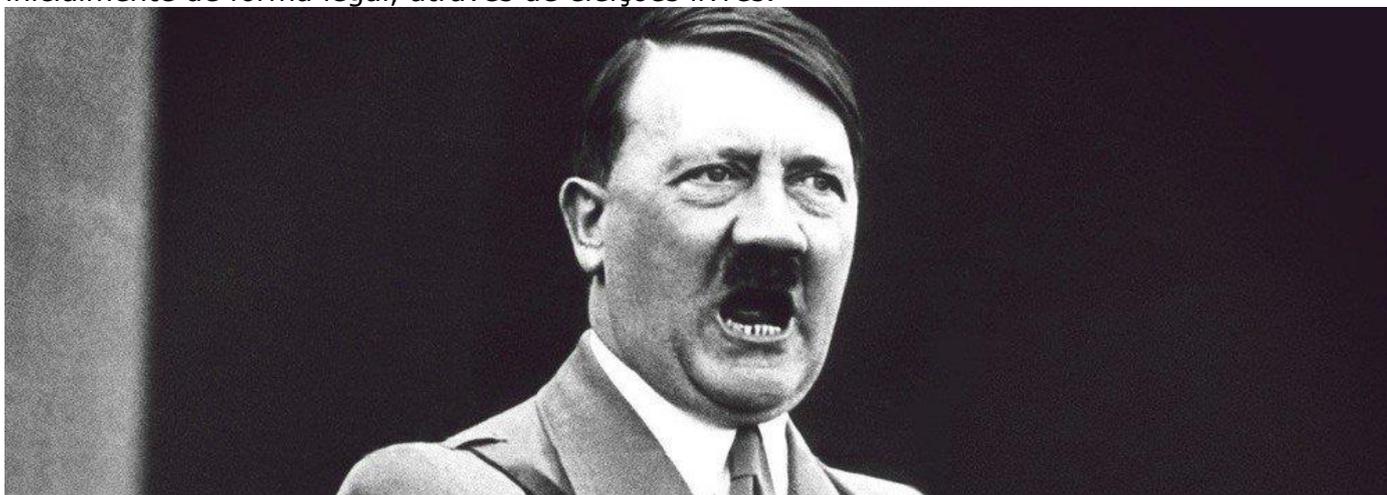
CABARET, ADEUS BERLIM

Título original: Cabaret

Realização: Bob Fosse (EUA, 1972)

1. O OVO DA SERPENTE

Foi Ingmar Bergman quem realizou um filme primoroso sobre a ascensão do nazismo na Alemanha. Chamava-se "O Ovo da Serpente". "Cabaret", de Bob Fosse, é outro excelente exemplo do mesmo tema. Há dezenas de outros filmes que nos ajudaram a compreender como Hitler chegou ao poder, inicialmente de forma legal, através de eleições livres.



Hitler tornou-se o primeiro Führer und Reichskanzler (Chefe e Chanceler do Reino), em 1934. Mas a sua ascensão iniciou-se em 1919, quando aderiu ao partido Deutsche Arbeiterpartei (DAP - Partido dos Trabalhadores Alemães), que um ano depois, seria o Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei - NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou Partido Nazi). Depois foi sempre a somar. Nas eleições de 1928, os nazis tiveram apenas 12 lugares no Reichstag. Mas, após a crise de 29, em 1930, já contavam 107 deputados e, em novas eleições, em 1932, eram o maior partido alemão com 230 lugares. Apesar disso, Hindenburg, o chanceler na época, recusou-se a dar todo o poder a Hitler. Mas este, através de conspirações e arranjos políticos, conseguiu chegar ao poder absoluto em 1934. Antes, na noite de 27 de fevereiro de 1933, o incêndio no Reichstag, atribuído aos comunistas, muito terá contribuído para consolidar as posições extremistas de Hitler. Mas não só. A Alemanha, saída dos "loucos anos 20", oferecia um conjunto de circunstâncias muito fértil para o aparecimento de uma ditadura, implantada por força da vontade da maioria do povo, humilhado com as condições impostas internacionalmente pelo tratado de Versalhes (1919) aos derrotados da I Guerra Mundial. O descontentamento popular baseava-se num clima de grande instabilidade social, a crise de 1929, a falta de emprego, a agitação política provocada por partidos e grupúsculos de esquerda e extrema esquerda, o medo da revolução comunista e do caos anarquista, tudo isso ajudou a criar um clima propenso ao aparecimento de uma força autoritária que impusesse ordem e respeito no seio da sociedade germânica. Vamos mesmo mais longe, os excessos dos "anos loucos" ao nível dos costumes, das artes e de um certo deboche moral ajudaram à festa.

O incêndio do Reichstag, quer tenha sido ou não obra de comunistas, caiu como "sopa no mel" das aspirações de Hitler. Milhares de comunistas, socialistas, anarquistas foram enviados para o campo de concentração de Dachau. Os nazis aproveitaram a onda e dizimaram tudo o que ostentava ainda algum resquício de democracia. Foram proibidos todos os partidos, exceto, obviamente, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, que passou a ser "partido único", por decreto de 14 de julho de 1933, que rezava assim: "Aquele que tentar manter ou formar um novo partido será

punido com trabalhos forçados por três anos ou com prisão de seis meses a três anos, se a ação não estiver sujeita a penalidade maior, em conformidade com outros regulamentos.” Perfeito. Podia começar a limpeza étnica, a perseguição a judeus, ciganos, negros, eslavos, gays, comunistas, socialistas, democratas em geral. Os campos de extermínio estavam ao virar da esquina e Hitler era ovacionado por milhões por onde passava (é bom não esquecer isto, veja-se “O Triunfo da Vontade”, de Leni Riefenstahl).

Obviamente que no final da guerra, mesmo os vizinhos dos campos de extermínio juraram a pés juntos que não sabiam de nada, que nunca ouviram falar em torturas e que Hitler, bem Hitler quem seria? Uns obedeciam a ordens que ninguém dava, outros, quando iam às grandes manifestações era porque jogava o Bayern.

Não sei o que mais abomino, se ditadores que se impuseram por golpes de estado ou guerras civis se por eleição popular. Obviamente que os segundos jogam (de início) de acordo com as regras democráticas e estão, por isso, legitimados por quem acredita na democracia. Eu acredito. É um regime péssimo, mas todos os outros são muito piores.

Mas eu prezo muito a liberdade, por isso custa-me a acreditar que existam milhões que, em nome do que quer que seja, troquem a liberdade pela ditadura. Eu sei que o exercício da liberdade é difícil. É muito mais fácil ter alguém que nos diga qual o caminho, que nos coloque vendas nos olhos e nos obrigue a ir por aí (“Não, não vou por aí”, bem dizia José Régio num poema belíssimo). A liberdade obriga a escolhas sistemáticas, a um olhar crítico, a pensar, a optar por A ou B.

Mais simples é entregarmo-nos aos desígnios do Senhor, qualquer que ele seja, desde que tenha autoridade, autoridade essa que é sempre imposta pelo medo. Por isso se compreende que, quando cai um regime fascista, haja tantos eleitores seduzidos por um arauto comunista. Ambos oferecem um chefe forte, mesmo que de sinal contrário.

O que acontece agora no Brasil pode ser mais um exemplo medonho deste estado de espírito. Compreendo que a escolha entre os dois candidatos seria difícil. O PT de Lula teve muita responsabilidade sobre o que está a acontecer. O PT tem mais responsabilidades porque ludibriou os brasileiros que estavam com Lula numa percentagem de 80%. Mas a verdade também é que o PT não fez nem mais nem menos que todos os outros partidos brasileiros até aí. A política do Brasil sempre esteve baseada na corrupção. Era um dado aceito por (quase) todos. As dezenas de pequenos partidos que existiam (e existem) mais não serviam do que para serem comprados. As grandes empresas sempre estiveram ligadas ao poder. Nada disto era novidade, quando a direita resolveu puxar o tapete a Lula e ao PT. Depois estes responderam na mesma moeda e foi o que se viu: (quase) toda a gente foi parar à cadeia. E daí emergiu a figura de Bolsonaro, esgrimindo a luta contra a corrupção, o elogio da segurança com armas para todos, o racismo, de negros a índios, a misoginia, a ameaça à liberdade da comunicação social, o dedo apontado a todos os adversários políticos.

Adoro o Brasil que tão bem conheci entre 1980 e 2010. Terra fértil e linda, cheia de gente boa, talentosa em todos os campos. Temo pelo que possa acontecer a essa gente, mesmo a muitos que votaram no desconhecido só porque querem mudar. Mas depois não digam que não sabiam de nada. Bolsonaro não podia ser mais direto, nem menos ambíguo.

2. CABARET



É Joel Grey, o mestre de cerimónias do Kit Kat Klub, quem convida a audiência a acompanhar o "show" que se irá desenrolar à sua frente. O espetáculo principia ali mesmo, no Kit Kat Klub, mas rapidamente se irá estender a toda a Alemanha, em inícios da década de 30, quando o nacional-socialismo começa a sua ameaçadora ascensão para a conquista do poder. É o fim dos anos loucos da década de 20, com a sua frivolidade e decadentismo. "Willkommen", sejam bem-vindos ao "cabaret".

Sally (que aqui aparece na voz de Liza Minelli, filha do realizador Vincente Minnelli e da atriz Judy Garland) é uma jovem cantora de "cabaret" que sonha tornar-se uma grande artista de "music hall" e deixar para sempre o ambiente sórdido do Kit Kat Klub. Apaixona-se por um jovem estudante inglês de visita a Berlim, que ali se desloca para aperfeiçoar o seu alemão, e ambos vão descer às profundezas do vício e da decomposição de uma sociedade em crise de valores. O que iria permitir a eclosão de uma das ditaduras mais ferozes e destrutivas. Terra apetecível para gerar o "ovo da serpente" de que falou igualmente Ingmar Bergman.

"Cabaret" é, sobretudo, conhecido como filme de Bob Fosse que, em 1971, se estrearia com enorme sucesso, contando no seu elenco com os nomes de Liza Minnelli, Joel Grey, Michael York, Helmut Griem e Marisa Berenson. Esta produção da ABC Pictures, distribuída pela Allied Artists, seria nomeada para vários Oscars, em 1973, tendo conquistado oito estatuetas, que foram para o próprio Bob Fosse, como realizador, para Liza Minnelli, melhor actriz, para Joel Grey, melhor ator secundário. Haveria ainda Oscars para a melhor fotografia (Geoffrey Unsworth), melhor montagem (David Bretherton), melhor direcção artística e cenários (Rolf Zehetbauer e Jurgen Kiebach e Herbert Sraebel), melhor som (Robert Knudson e David Hildyard) e melhor partitura musical (Ralph Burns). "Cabaret" fora também nomeado para os Oscars de melhor filme do ano e melhor argumento adaptado (Jay Presson Allen), que não conquistaria. O vencedor nestas categorias seria "O Padrinho", de Francis Ford Coppola.

Bob Fosse foi o realizador escolhido para passar a imagens o argumento de Jay Preston Allen, adaptação de um "musical" criado para palco por Joe Masteroff (argumento) e John Kander (música), que, por sua vez, adaptavam já uma outra peça de John Van Druten (I Am a Camera), que por seu turno se inspirava já nalguns contos de Christopher Isherwood, reunidos na coletânea "Goodbye to Berlin". Uma génese complicada, esta de "Cabaret".



Vamos, portanto, recuar no tempo. "I Am a Camera", a peça teatral de John Van Druten, estreara na Broadway em 1951, com Julie Harris na protagonista. Teve somente 214 representações, mas este facto não impediu que fosse adaptada ao cinema, em 1955, por Henry Cornelius, mantendo o título e mantendo também Julie Harris no principal papel, acompanhada por Laurence Harvey. O sucesso também não bafejaria este filme.

Em 20 de Novembro de 1966, numa produção de Harold Prince e Ruth Mitchell, subiria a cena "Cabaret", no Broadhurst Theatre, com encenação do próprio Harold Prince, argumento de Joe

Masteroff, música de John Kander e líricas de Fred Ebb. No elenco apareciam Jill Haworth, Jack Gilford, Bert Convy, Lotte Lenya, Peg Murray, Joel Grey, Edward Winter, John Herbert e Mara Landi. Joel Grey é o único que na altura transita do palco para o filme e, apesar de existirem grandes similitudes entre o "musical" de teatro e a versão cinematográfica, notam-se igualmente algumas diferenças, inclusive a nível do próprio "sound track".

Os principais "números" musicais de "Cabaret" em palco foram: "Willkommen", "So What?", "Don't Tell Mama", "Telephone Song", "Perfectly Marvelous", "Two Ladies", "It Couldn't Please Me More", "Tomorrow Belong to Me", "Why Shoud I Wake Up?", "The Money Song", "Married", "Meeskite", "If you Could See Her", "What Would You Do?" e "Cabaret". No cinema, o "sound track" foi consideravelmente refundido e reduzido.

No musical "Kiss Me, Kate" (Beija-me Idiota), de George Sidney (1953), ao lado de Ann Miller, Tommy Rall e Bobby Van, surge um bailarino então não muito conhecido. O seu nome era Bob Fosse e a sua dança atlética, nervosa, arrojada era já um indício seguro de um talento evidente, de um óbvio gosto pelo ritmo, de uma enorme apetência pelo espetáculo musical. Bob Fosse tornar-se-ia depois um dos grandes coreógrafos norte-americanos, estreando-se como realizador de cinema em 1968, com "Sweet Charity" (arrojada adaptação a "musical" de "As Noites de Cabíria", de Federico Fellini), prosseguindo a carreira sempre ligado ao "musical" e ao mundo do espetáculo, com filmes como "Cabaret", em 1972, "Lenny", em 1974, "All That Jazz", outra das suas coroas de glória, em 1979, e "Star 80", em 1983.

A vida de Bob Fosse é daquelas que se costuma dizer que davam um filme. Ele próprio se encarregaria disso em "All That Jazz", onde, para lá de muitos outros episódios obviamente autobiográficos, encena a sua própria morte, vítima de um ataque cardíaco, enquanto preparava uma nova encenação e acabava a rodagem de um filme. Na realidade, viria a falecer em 1987, de um ataque de coração, quando dava os últimos retoques num espetáculo que se estreava na Broadway, "Dancing", ultimava um show para a televisão, e se estreava em Washington uma remontagem teatral de "Sweet Charity".

Nascido em Chicago, Illinois, em 1927, Bob Fosse foi também importante como coreógrafo, tendo deixado colaboração inestimável em filmes de Stanley Donen, como, por exemplo, "The Pajama Game", de 1957, ou "Damn Yankees", de 1959. Também em "My Sister Eillleen", de Richard Quine, se expressa o seu talento neste campo. Coreografou igualmente todas as sequências musicais dos filmes por si rodados.

"Cabaret" é uma obra que em muitos aspetos se socorre das lições do teatro "épico" de Bertolt Brecht. Através do retrato de uma época em crise, oscilando entre a repulsa pelo caos político e social e o fascínio pelo abismo, "Cabaret" retoma também o ambiente e as paixões de "O Anjo Azul", de Joseph Von Sternberg.

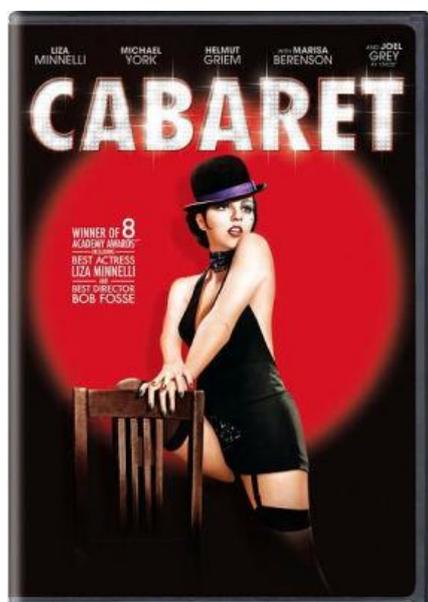
No palco, Liza Minnelli desenha a silhueta do "Anjo Azul", enquanto Joel Grey cacareja a impotência e total aviltamento do professor Unrat. Marlène Dietrich e Emil Jannings estão constantemente presentes aos olhos de todos e esta citação, em jeito de homenagem, não é seguramente um dos trunfos menores deste belo filme...

Uma obra que revolucionou o musical na década de 70, introduzindo-lhe uma temática bem diferente daquela que Hollywood costuma veicular nos seus sonhos róseos de décadas anteriores. Cabaret não é o musical da felicidade e do "happy end", ainda que seja um prazer assistir-se ao seu desenrolar.

Notável, enquanto reconstituição de uma época, "Cabaret" desenvolve de forma brilhante as experiências coreográficas de Bob Fosse. Na verdade, este não é um "musical" coreografado em planos longos, fazendo apelo à profundidade de campo, como era uso e regra nos "musicais" de raiz tradicional, mas sim um "musical" cujos "números" são coreografados na montagem. Ou seja: em vez de uma câmara fixa ou a movimentar-se frente a um cenário onde evoluem os bailarinos, a técnica de Bob Fosse é bastante diferente, apresentando planos curtos, iluminando pequenas zonas cénicas, filmadas de vários ângulos. É através do ritmo da montagem, de uma cadência segura e sincopada, que esses "números" se vão organizando, preenchendo um espaço cinematográfico, criando um tempo diferente e um ritmo novo.

Dois atores-cantores justificariam por si só a visão do filme e a audição da banda sonora: primeiramente, Joel Grey, a revelação sensacional, um "entertainer" que comenta e interrompe a ação do filme, que a trunca, que a distancia. Ironicamente, este é o comentário "travesti" que a época justificava. Uma personagem assexuada, filha da noite e dos fantasmas que nela se geram, "clown" sombrio e grotesco que a luz dos refletores traz à ribalta para inquietação dos presentes.

Com Liza Minnelli estamos de novo perante uma grande atriz, de uma excelente cantora, ainda que um pouco aquém de sua mãe Judy Garland, um talento que "New York, New York", de Martin Scorsese iria confirmar em 1977.



CABARET, ADEUS BERLIM

Título original: Cabaret

Realização: Bob Fosse (EUA, 1972);

Argumento: Jay Presson Allen, segundo peça de Joe Masteroff e John Van Druten e história de Christopher Isherwood; Produção: Cy Feuer, Harold Nebenzal, Martin Baum; Música: John Kander, Ralph Burns; Fotografia (cor): Geoffrey Unsworth; Montagem: David Bretherton; Casting: Renate Neuchl; Design de produção: Rolf Zehetbauer; Direção artística: Hans Jürgen Kiebach; Guarda-roupa: Charlotte Flemming; Maquilhagem: Susi Krause, Gus Le Pre, Raimund Stangl; Coreografias: Fred Werner, Jutta Beil, Bob Fosse; Direção de Produção: Pia Arnold, Wolfram Kohtz; Assistentes de realização: Wolfgang Glattes, Douglas Green, Stefan Zürcher; Departamento de arte: Richard Eglseder, Herbert Strabel; Som: David Hildyard, Robert Knudson, Arthur Piantadosi, Doug Grindstaff, Kitty Malone, James Nelson; Companhias de produção: Allied Artists Pictures, Allied Artists Pictures Corporation and A B C Pictures Corp., A Feuer and Martin Production, Bavaria Film;

Intérpretes: Liza Minnelli (Sally Bowles), Michael York (Brian Roberts), Helmut Griem (Maximilian von Heune), Joel Grey (mestre de cerimónias), Fritz Wepper (Fritz Wendel), Marisa Berenson (Natalia Landauer), Elisabeth Neumann-Viertel (Fraulein Schneider), Helen Vita (Fraulein Kost), Sigrid von Richthofen (Fraulein Mayr), Gerd Vespermann (Bobby), Ralf Wolter (Herr Ludwig), Georg Hartmann (Willi), Ricky Renée, Estrongo Nachama, Kathryn Doby, Inge Jaeger, Angelika Koch, Helen Velkovorska, Gitta Schmidt, Louise Quick, Oliver Collignon, Pierre Franckh, Mark Lambert, Ellen Umlauf, etc. **Duração:** 124 minutos; Distribuição em Portugal: Cine Digital; Classificação etária: M/ 16 anos; Data de estreia em Portugal: 20 de outubro de 1972.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 7 DE MARÇO, DE 2022

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO II - 21H00 (entrada livre)

2001, ODISSEIA NO ESPAÇO

Título original: 2001: A Space Odyssey

Realização: Stanley Kubrick (EUA, 1968) | **Duração:** 149 minutos | **M/12**